3 1761 07150108 4

Monteiro, Mario
Typos de Coimbra

DP
802
C6M65

MARIO MONTEIRO

# ypos de Coimbra

IMARÃES & C.ª
EDITORES

68, R. S. ROQUE, 70
LISBOA, 1908

nio da Silva-Lisboa

# TYPOS DE COIMBRA

MARIO MONTEIRO

# TYPOS DE COIMBRA

1908
Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua de S. Roque, 70
LISBOA

DP
802
C6M65

A miseria das ruas — Garotos e alcunhas — O «Paixão» alfaiate e o Diamante — O Ribeirinho, As «Allegorias» e as manifestações da academia — «A loja d'uma porta só» — O Barbeiro e os sinos de S. Bartholomeu — O «Jinó» e o «D. Sebastião» — O «Zé macaco» e a Politica — O «Cobra Ladrão», As pratas da Sé, A roupa e as chaves — «Rosalino Candido de Sampaio e Brito» — Os Sermões de «Antonio das Almas» e as Cantigas do «Cégo da Abrunheira» — O «Francisquinho Tanana» e o «Mudo Calceteiro» — A imponente figura do «Mersandó» — O «Chitó-ó-Chitó» — A «Feleciana Pereira» e o Senhor Dom Miguel — A «Maria do gato negro» — A caçada aos gatos e os estudantes — O «Senhorinha», A mulher e o cavaquinho... — As partidas do «Horta» — O «França Rolié» — Lente das Tretas — «Quatorze», côcos, bananas e intrujice — O homem dos christos — Lamber para

vender — Os versos de Maximiano Veiga — O «Pedro do Pifano», A mudança de nomes e os seus improvisos musicaes — O epitaphio do «Manuel das barbas» — «Marrafa», Sebenta, Amor e dinheiro emprestado — «O Herminio», A Academia e as casas de prégo — O «Gaspar» engraxador e os seus amores frustrados — Como o «Santos cégo» conhece os caloiros e fala de mathematica — As habilidades do «José Maria Mudo» — O «Bentinho sapateiro» vestindo á ingleza... — «O Bamba», As suas confissões e Dom Thomaz de Noronha — «Barnabé» immenso, em toda a parte — Uma phrase grandiosa do «Luisinho das pontas» — «Beb'agua» como typo de transição entre o macaco e o homem — O «estópido» e o «S. Pedro» (Boas pessoas) — O riso e o pranto do «Norrim» — O «Almirante Rato» e os passeios á Lapa.

LIBRARY
JUN 21 1979
UNIVERSITY OF TORONTO

Analísar a miseria das ruas, observar com olhos de vêr todo esse constante e crapuloso *bric-à-brac* onde se atrophiam e se perdem caracteres, mas onde, as mais das vezes, se vão buscar modelos, bellas cabeças de estudo vincadas profundamente, dolorosamente, pelos traços indicadores d'uma vida agitada e miseravel — é, em qualquer parte, um estudo arrojado, quasi impossivel, cheio de mil obstaculos, e sobretudo, fastidioso, mas, em Coimbra, chega a ser deveras original e interessante.

É que esta deliciosa terra, com a sua Universidade, lá no alto, a coroar-lhe os edificios, a dar-lhe uns certos ares de sabia... não sei porque estranho dom, podendo ser encarada sob muitos e variados aspectos, tantos quantos se queiram, — manancial eterno de prosadores e poetas — apresenta-nos, uma vida das ruas caracteristíca, typíca, absolutamente sua.

Tudo isto porque os garotos de Coimbra — e não ha nada peior do que elles! — são eximios glorificadores dos grotescos que appare-

cem dia a dia e, sabendo procurar-lhes todos os pontos vulneraveis, são terriveis no ataque em que, por entre o desespero dos vencidos e o desenfrear das chufas e dichotes dos vencedores, não é raro apparecer uma alcunha que se péga, que se agarra por tal fórma que nunca mais sae, creando, *ipso facto,* um novo typo apontado e escarnecido em toda a parte.

Alcunha que se ponha em Coimbra é muito peior que colla-tudo, é como alma que cae no inferno. E péga que nem santo Antonio lhe vale!...

Ainda hoje certos commerciantes da cidade, ventrudos e lustrosos, pintam sempre as mantas do diabo se lhes fôrem perguntar á porta dos seus estabelecimentos:

Tem chá feito?

Tem cordas para flauta?

A boneca já fala?

Por isso convem aqui dizer que, ao enumerar alguns dos typos mais curiosos de Coimbra, eu não pretendi ir procural-os apenas á miseria das ruas, mas fui buscal-os tambem ás suas casas de negocio, arrancal-os de traz do balcão para os trazer até aos humbraes da porta e mostral-os, á luz do dia, como objectos raros e dignos de uma observação mais ou menos demorada e minuciosa.

E é assim que, sem mais delongas, dando o braço ao amigo Paixão, peço licença para o apresentar.

*O Paixão* — é um alfaiate que mora na rua de S. João, quasí no centro da parte alta da cidade, essa especie de *quartier latin,* que é o bairro academico por excellencia.

Pinta muito regularmente a pêra, segundo se

conta, e dá uma sorte levada da bréca em se lhe dizendo:

*Ó Paixão dá cá o diamante* . . . — alludindo não sei a que episodio dos seus tempos . . . de outro tempo.

Paixão

Imitado pelo dr. Brito Lima
na recita do 5.º anno — Bohemia — (1898)

Vicioso fumador de charuto, que traz sempre ao canto da bocca, n'essas horas de mau humor, ha quem veja mordel-o raivosamente, cuspir repetidas vezes, como é seu costume, n'um grande ar comico irresistivel, e desandar depois n'uma catilinaria pavorosa capaz de assustar todos os anjos e santos da côrte do céu! . . .

Constou-me até, nem eu sei quando, que os estudantes de certa geração o puzeram fóra da

*porta ferrea*, depois de encerradas as aulas, porque acto a que elle fôsse assistir era *chumbo* certo . . .

No emtanto o amigo Paixão, com todos aquelles seus ares de caricato, não passa d'uma bella creatura, d'um pobre diabo incapaz de fazer mal a uma môsca.

Mas caiu na asneira de dar sorte e fez muito mal, lá isso fez!

O Ribeirinho

De outro commerciante que já morreu, o *Ribeirinho*, resa a tradicção que, tendo fallido, se fingiu amalucado em harmonia com certos fins que tinha em vista . . .

Ora o Ribeirinho, lá pelos modos, tinha as

suas aspirações a poeta e, como tal, deu-se ao luxo de publicar um livro intitulado *Allegorias*, as celebres *Allegorias*, onde conseguiu, não sei porque artes diabolicas, armazenar quantos pontos de admiração havia n'este e no outro mundo até essa data.

E a academia, sempre disposta a fazer das suas, sabendo isto e sabendo mais e melhor que o Ribeirinho era homem de muitos haveres, mas avarento como poucos, ia buscal o a casa em engraçadissimas marchas *aux flambeaux*, percorrendo as ruas da cidade com elle ao collo, fazendo-o recitar, de momento a momento, as melhores producções do seu livro que, diga-se a verdade, tanto valiam umas como outras.

(Caricatura de Miguel Costa)

Mas elle, saracoteando-se todo, em pose de passar á posteridade, n'um gesto estudado e ridiculamente impagavel, recitava, tornava a recitar, enfiado na sua capa sem mangas e nas suas calças de xadrez, entre a galhofa e o applauso das turbas que elle generosamente julgava contentar atirando-lhes sempre á queima-roupa, com um *obrigado rapazes*...

Passado algum tempo o Ribeirinho, que nos ultimos mezes se dizia um desgraçado, morria deixando em testamento uma fortuna rasoavel em bellos contos de réis!...

Ai quem me dera ser um desgraçado assim!

Houve ainda outro, certo dia em Coimbra, nunca lhe soube o nome, que mandou annunciar, em todos os jornaes da terra, que vendia bellos chouriços alemtejanos e quiz vêr, no alto do annuncio, em caracteres de palmo e meio:

*A loja d'uma porta só.* Eis senão quando, logo ao outro dia de manhã, viu postar-se-lhe em frente da porta um grande, um numeroso grupo de estudantes exclamando admirados:

Olhem *A loja d'uma porta só!*

O homem, não sei porque, prevendo qualquer cousa de extraordinario, não ficou lá muito bem disposto com a scena e com aquelle ar ironico que via nos rapazes, mas sahiu de traz do balcão, avançou até á porta e perguntou, forçando um sorriso:

— Que hão de querer?

— É aqui a *Loja d'uma porta só?...*

— É sim senhor, porque?

— Porque não tem senão uma porta!

E logo outro:

— Porque tem unicamente uma porta!

E outro:

— Porque tem uma porta apenas!

E ainda outro:

— Porque tem simplesmente uma porta!

E todos, em côro, ao mesmo tempo:

— Porque tem *uma porta só!...*

E o certo é que o homem afinou com a brincadeira, foi aos ares, deu ao diabo os estudantes e desatou n'um berreíro infernal despejando quantos insultos conhecia: — Mariolas! Vadios!...

Como umas cousas fazem lembrar as outras e as palavras são como as cerejas, segundo exclamava uma creada velha que eu tive, agora

me recordo que já ouvi contar, não sei a quem, que ouve outróra um barbeiro, atraz da egreja de S. Bartholomeu, que, todos os dias barafustava endiabrado só porque os estudantes, muito ingenuamente, iam perguntar-lhe como é que os sinos da egreja proxima tocavam a fogo, a baptisado, ao Senhor—fóra e como davam as Trindades.

Mas, como estes, houve e ha tantos ainda por ahi fóra!

O Jinó

Quem não conheceu mendigando pelas ruas, ainda ha bem pouco tempo, *O Jinó,* essa figura esqueletica de velho, de cabello desgrenhado, de olhar mau, vivo e penetrante, que todo se exasperava quando o rapazio lhe gritava, pondo-se a dançar deante d'elle: *Ó Jinó larga a Maria viuva,* talvez allusão a quaesquer amoricos.

passados, ou *Ó Jinó larga o velhó,* não porque elle tivesse roubado qualquer velhó, mas pela tendencia que o povo sempre teve e tem para rimar tudo o que significa ridiculo e tem de dizer repetidas vezes?...

E o *D. Sebastião,* um bello typo de velhote que andava pelas ruas vendendo reportorios

D. Sebastião — Pitonó

novos, apregoando-os de tal fórma que parecia dizer *Pitonó,* razão da sua segunda alcunha, que acreditava na vinda de el-rei D. Sebastião n'uma manhã de nevoeiro, e que ia a casa dos sapateiros pedir-lhes uma faca emprestada para se lhes sentar á porta a limpar e a aparar as unhas dos pés n'um estendal immenso de miseria e porcaria?!

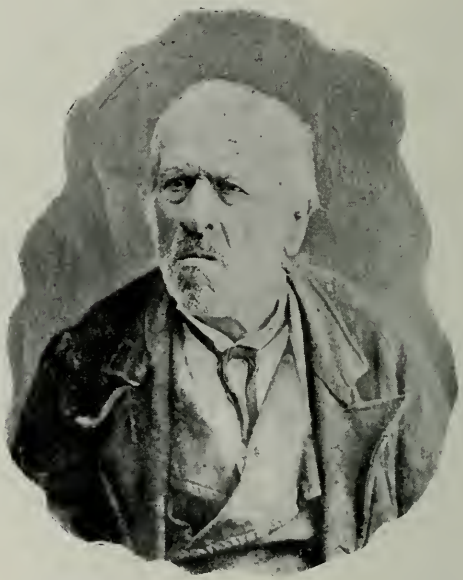
E o *Zé Macaco,* o *José Macaque* da Rattazzi no *Portugal à vol d'oiseau,* o creado do antigo Hotel Mondego, cuja presença daria um immenso prazer a Darwin, esse imperdoavel fallador que desandava a discutir com os hospedes, emquanto os servia, sobre assumptos de politica!

O Zé Macaco

Hospede que lá caisse e que já tivesse sido ministro, o fôsse n'essa occasião, ou estivesse em vespera de o ser, já podia contar com um vigoroso ataque de argumentos irrisorios e disparatados cujo fecho era sempre este: «os senhores afinal promettem... promettem... mas, em chegando lá, fazem todos o mesmo. Tão bons são uns como outros!...»

E o *Cobra,* que tinha uma cara de mau, versejador de má morte que diziam ter roubado as pratas da Sé? Esse ia esconder-se atraz dos silvados, á beira do rio, pescando á linha a roupa, dentro em breve reduzida a metal sonante, que as lavadeiras, bellas moçoilas frescas e appetitosas, de saia arregaçada até ao joelho, ahi estendiam a enxugar...

Este costume de pescar roupa alheia e de andar de noite, roubando as chaves que encontrava pelas portas para as ir vender a qualquer ferro-velho, mereceu-lhe o epitheto pouco glorioso de *ladrão,* que o tornava apopletico e o fazia correr á pedra a garotada que o perseguia.



O Cobra Ladrão

E o *Rosalino Candido?* E o *Antonio das Almas?*

Do Rosalino Candido de Sampaio e Brito, nome mil vezes maior do que o dono, um velhito pequerrucho, de barba branca, não ha ninguem, quer-me parecer, que não conheça aquella scena com o Manso Preto, em geometria, no Lyceu.

Como não soubesse a lição, em certo dia, lembrou-se de pedir dispensa em verso...

E se bem o pensou melhor o fez:

*Como incommodado estado tenho*
*Dispensa a V. S.ª pedir venho*
*E por não a pedir por varias vezes*
*Peço-a por dois ou tres mezes.*

Responde-lhe o professor:

*Por um anno se quizer!*

E o Rozalino não perdeu a occasião de retorquir:

*Isso mesmo é o que se requer!*

O Rozalino era pobre, mesmo muito pobre, mas cheio de altivez, para não pedir cousa alguma, fez-se poeta e prosador de sete costados. A publicar folhetos não havia quem o vencesse... no numero! Eram ás dezenas, às centenas, aos milhares!...

Foi assim que o *O Diabo fechado na minha gaveta* e *A luz da razão* vieram á luz do dia, a par de tantos outros folhetos que elle proprio distribuia em troca de alguns vintens.

Pedir não pedia, mas usando d'este processo, tudo vinha a dar no mesmo...

Fallando do Rozalino vem muito a proposito contar um facto pouco divulgado mas cuja veracidade eu posso garantir.

Uma vez um estudante da Universidade teve a estranha lembrança de enviar as obras de Rozalino não sei a que escriptor sueco ou norueguez.

Os folhetos partiram e, passado pouco tempo, esse mesmo estudante lia, n'um jornal estrangeiro, uma pomposa critica á obra monumental de Rosalino firmada pelo tal escriptor que dizia e asseverava, entre muitas outras cousas, que o Rosalino era *o primeiro prosador de Portugal!!!*

Escusado será dizer que o jornal, passando de mão em mão, foi lido pela academia em peso, entre enormes explosões de gargalhadas, emquanto o nosso poeta, impando de orgulho, inchado, ia pensando de si para si: — que grande Rosalino não havia de ser Alexandre Herculano se mandassem o *Eurico* a este escriptor! . . .

O Rozalino

E, arranjando uma casaca, não sei onde nem como, foi assim, todo bem posto, que se apresentou nas ruidosas e memoraveis festas que a Academia de Coimbra fez pelo tricentenario de Camões.

Depois usou-a, usou-a, como competia a um tão digno e illustre ornamento das lettras patrias, até que a pôz no fio e teve de encobril-a lançando-lhe por cima a sua inseparavel e conhecida capa!

Foi um portento esse Rosalino!

O *Antonio das Almas* era um pandego incorrigivel, um emerito patusco que sabia arranjar-se menos mal, fundado no grandioso principio de que não ha nada melhor para não morrer á fome e ter dinheiro do que ser amigo de estudantes e captar-lhes as sympathias.

Além d'isso o Antonio não desperdiçou nunca o seu tempo, pois que a par d'essa amisade collocava a sua qualidade de prégador, sendo raro o dia em que deixava de prégar um sermão por dá cá aquella palha.

O Antonio jámais perdia as occasiões propi-

cias, inclusivé a festa das latas, esse banzé, *sabbat* infernal, que os estudantes fazem, arrastando latas velhas pelas ruas da cidade mal escurece o dia do encerramento das aulas, do começo das férias do *ponto,* para não deixarem dormir nem estudar os collegas das outras faculdades que por desgraça vejam as suas aulas encerradas mais tarde.

O Antonio das Almas

Prégando em toda a parte e a toda a hora, gostava no emtanto muito mais de prégar no *largo de Sansão,* n'um pilar de pedra que ali havia e ainda se vê actualmente encaixado na parede d'uma casa que faz esquina com a rua do Corvo e rua da Louça.

Chegado ahi, no meio do povoleu que lhe servia de sequito, subia ao seu pulpito, persignava-se e rompia sempre n'estes termos: *Eu sou o Antonio das Almas. As mulheres são como as cabras que andam pelos outeiros. De Cellas nem elles nem ellas.* E voltava ao principio . . . *Eu sou o Antonio das Almas* . . . sendo capaz de estar meia hora assim, na mesma arenga, contanto que lhe dessem um cigarro, umas calças, um collete servido, que era, em geral, a especie de moeda que preferia para pagamento dos seus sermões.

Succedeu, porém, uma vez que, em certa festa das latas, o Antonio não quiz prégar, porque dizia faltar-lhe uma papeleta com o thema do sermão. Mas isso era o menos. Elle apenas pretendia fazer-se rogado para lhe pagarem melhor.

E foi o que succedeu . . . Um estudante seu amigo, desejando ouvir mais um sermão dos seus, metteu-lhe na mão uns dinheiros em prata ao mesmo tempo que lhe dizia, entregando-lhe um papel em branco: «Ahi tens a papeleta»...

O Antonio das almas olhou para o dinheiro n'um grande sorriso de satisfação e exclamou agitando o papel — *meus senhores cá está a papeleta* . . . e mirando o papel d'um lado e d'outro, poz-se a scismar . . . «*D'este lado nada . . . do outro tambem nada . . . ora do nada creou Deus o ceu e a terra. . .*

E, prégou sobre este assumpto o melhor sermão entre os muitos que fez em toda a sua vida

Por outra vez, devido a um caso inexplicavel, o Antonio das Almas que morava para os lados de Mont'arroyo, não poude pagar ao senhorio o aluguer da casa que habitava com uma mu-

lher chamada a *Caqueireira* e sendo posto na rua por tal motivo, na rua foi levantar um simulacro de tenda de campanha.

Iam, assim, as cousas muito bem . . . mas, certo dia, lembrou-se de viajar nas azas do Cupido perante a revolta dos transeuntes que barafustavam. Um agente da policia então a cargo de zeladores municipaes, deitou-lhe a mão e espetou com elle na cadeia.

O Cégo da Abrunheira e o moço

Pois o Antonio das Almas nada se ralou com isso, pelo contrario, pinchava de contente exclamando em altos gritos: *Ora graças a Deus! Aqui está-se debaixo de telha e tem a gente casa de graça!* . . .

A galeria popular coimbrã é vasta, e se n'ella ha vultos de somenos originalidade como, lem-

brando ao acaso, *O Cégo da Abrunheira*, logar proximo de Coimbra, que vinha, ás vezes, á cidade em companhia de um moço ganhava a vida tocando e cantando alguns improvisos, verdadeiros disparates, a quem lhe désse alguma cousa, outros ha que merecem um pouco de attenção, como, por exemplo, o «Francisquinho Tanana», a «Feliciana Pereira,» a «Maria do gato negro» e tantos outros que passarei a citar.

O Chiquinho Tanana

O celebre *Francisquinho Tanana*, um velhito *magro como um junco*, de pelle encarquilhada, morava junto ao cemiterio, lá no alto do Pio, e passava á tarde para o rio a buscar agua n'um pote de barro que, á volta, trazia á cabeça com muito cuidado.

A pobreza do seu vestuario era tão grande que chegava a ser immoral, pois tanto importava esse conjuncto de andrajos como nada. O corpo andava quasi todo á mostra, e uma vez vi-o eu, n'esse estado, a gritar como um possesso, n'uns gritos selvagens e a arrepelar-se todo porque os garotos além de lhe chamarem

O Mudo Calceteiro

*Tanana* tinham-lhe feito partir o pote que levava á cabeça e que desiquillibrou ao atirar uma pedra, arma com que se defendia da rapaziada brégeira.

Quando se ouvissem uns gritos agudos, por vezes em falsete, acompanhados d'um choro ridiculamente convulso, era certo e sabido que andava perto o *Francisquinho Tanana* e toda

a gente assomava ás portas e ás janellas para vêr esse espectaculo miseravel da vida das ruas.

Facto quasi identico se dava com o *Mudo*, um calceteiro que a camara municipal tinha admittido ao seu serviço.

O Rabino

Esse não tinha nada com os garôtos e só se importava com o pessoal que dirigia, mas, para lhe transmittir as suas ordens, para se fazer comprehender, desfazia-se em gestos desesperados e gritos tão agudos que se ouviam com certeza a sete leguas em redor.

Olhar a fronte cheia de rugas do Francisquinho é trazer á idéa toda uma série de magni-

ficas cabeças de estudo que se encontram n'esses mendigos vadios perdidos pelas ruas de Coimbra.

E' vêr o *D. Sebastião* de que já falei, o *Rabino* um bello typo de judeu, de rosto bem vincado, de linhas bem definidas, que vivia de expedientes e tinha o seu dito espirituoso lá de vez em quando, o *Mersandó*, de cabelleira,

O Mersandó

um bom ratão, o velho porteiro do palacio dos Grillos, que faz lembrar um pouco o *Chitó-ó-chitó*, que divertia o publico executando palhaçadas nas ruas e que tinha tambem umas barbas esplendidas e um rosto expressivo.

A Feliciana Pereira, uma velhota revelha, com umas certas pretenções de asseio, tinha sido creada do grande liberal de Ceira, Victorio

Telles, cuja cabeça se viu, durante algum tempo, espetada n'um pinheiro, a uma esquina do largo de Samsão, devido ás luctas apaixonadas e renhidas do seu tempo.

Talvez por esse motivo liberal ferrenha, não tinha o menor pejo em correr a pau a garotada das ruas que lhe sabia da pecha, e, ainda ha

O Chitó-ó-Chitó

bem pouco tempo, lhe atormentava os ouvidos a toda a hora dando *vivas ao senhor D. Miguel*, o que para ella equivalia á mordedura venenosa e subita d'uma vibora.

Obteriam d'ella tudo quanto quisessem... mas nada de offender os seus ideaes politicos! Crédo! Virgem Santissima! Lá isso não! . . .

A *Maria do gato negro* era uma outra velha que viveu em Coimbra e foi um dos typos mais interessantes da sua epoca.

Já lá vae isto ha um bom par de annos! Vivia n'um casinhoto dentro da torre de Santa Cruz e, como n'uma noite lhe tivessem morto um lindo gato negro que muito estimava, foi tal a raiva que se apoderou d'ella que, jurando

A Feliciana Pereira

vingar-se, pellava-se toda por andar, altas horas da noite, percorrendo as viellas mais immundas á caça dos gatos.

Bichinho que ella apanhasse a geito tanta paulada lhe assentava no lombo que nem a alma se lhe aproveitava! . . .

Os estudantes de então, conhecedores da mania d'essa pobre mulher, para se divertirem á sua

custa, encommendavam-lhe gatos mortos, que ella, de muito bom grado, lá ia distribuir pelas *republicas*, a troco de uns miseros vintens que mal lhe chegavam para não morrer de fome...

O *Senhorinha*, assim chamado pelos seus modos effeminados, era um zelador municipal que ia levar a sua cara metade com quem ca-

A Maria do gato negro

sára . . . *por amor* . . . a casa dos estudantes, sobraçando sempre o cavaquinho.

O amor para elle não valia nada sem um bom acompanhamento.

O *Horta*, esse então, ás vezes pouco amigo da limpeza nos seus feitos e um pouco, para não dizer bastante, desbragado nos seus ditos,

não deixava de ser um velho endiabrado cujas partidas tinham alguma cousa de original e de espirituoso

De lunetas encavaladas quasi na ponta do nariz, levado pela necessidade que, segundo ouço dizer é a mãe de todos os vicios, bebia azeite por pregar a sua peça.

O Senhorinha

Só se não poudesse! Mas para isso, para chegar a essa conclusão de não poder, era preciso que tivesse já esgotado todos os recursos da estrategia, e tal facto seria quasi inacreditavel!

Uma vez, ao entrar n'uma padaria que havia n'esse tempo e parece-me que ainda existe no

Arco d'Almedina, o Horta, olhando de relance para o forno, deparou com uma caçoila vidrada coberta com um papel, d'onde se exhalava um cheiro delicioso a certos temperos que lhe haviam de ser muito gratos ao paladar . . .

Desatou a correr para casa á procura d'uma caçoila parecida. Encheu-a de pedras, poz-lhe um papel por cima, tal qual como na outra que vira, e eil-o que volta á padaria a pedir com muito empenho para lh'a collocarem tambem no forno.

Promettendo voltar a uma certa hora, algum tempo antes da hora em que sabia que o saboroso piteu seria retirado, foi dar o seu passeio para passar tempo, até que, voltando novamente ao forno, embarrilou o moço da padaria dizendo-lhe ser a outra caçoila a sua . . . E pernas para que te quero! . . . Lá foi elle até casa, n'uma correria louca, saborear um bello pastelão de carne que o acaso lhe offerecera. E o verdadeiro dono do acepipe ao vir buscar a caçoila apenas se encontrou cheia de pedras . . .

Como esta, contam-se d'elle innumeras proezas que o fizeram tomar por doido, sendo, dentro em pouco, internado no hospital Conde Ferreira, pois que ninguem o podia supportar.

Regressando, mais tarde, a Coimbra, pouco tempo demorou a reeditar as scenas d'out'ora, e é assim que elle apparece, n'uma tarde de inverno, em Santa Clara, ao fim da ponte, a metter n'um bolso das calças certa encommenda que encontrou á beira do caminho.

Elle que o fez é porque alguma coisa ruminava, é porque lá tinha as suas razões para o fazer...

Terminada essa operação, limpando as mãos

a uns arbustos que alli estavam perto, induziu um rapazito que passava a que fosse dizer ao guarda-barreira que elle Horta, levava contrabando no bolso das calças.

E o rapazito lá foi cumprir a sua missão emquanto sua excellencia, a passo largo, muito

O Horta

sereno, marchava olympicamente a caminho da cidade.

Mal tinha tempo de pôr o pé fóra da ponte quando o guarda se lhe poz na frente intimando-o com uma voz de trovão: deixe ver o que leva ahi.

— Não deixo, diz o Horta, fingindo-se muito compromettido.

— Deixe vêr já lhe disse.

— Não deixo.

— Ah, não deixa?!

E assim estiveram n'este dize tu direi eu, até que o guarda resolveu leval-o á presença da auctoridade superior. Foi dito e feito.

O França Rolié

Como a auctoridade não era para festas, com uns modos façanhudos, arrumou-lhe logo esta á queima roupa:

— Mostre já o que leva ahi.

— Não mostro, replicou Horta com teimosia.

— Ai, não mostra? Eu já lhe vou dizer se mostra ou não!

E dizendo isto, enfia-lhe a mão pelo bolso das calças para tirar de lá o contrabando... Faça-se agora uma pequenina idea da cara com que ficou a auctoridade e principalmente como ficaram os dedos!

O Horta era um vivo diabo!

O *França Rolier - Caleche - maquilitanas,* como elle se dizia, era um cocheiro que estava encarregado de conduzir as malas do correio á estação do caminho de ferro e por tal fórma se desempenhou da sua missão que tenho aqui á vista todos os attestados que, por varias vezes, lhe foram passados pelo director dos correios enchendo-o de louvores.

Mesmo no pino do verão, o França andava sempre vestido com quanto fato possuia, accrescentando a isso tudo, no inverno, um capote que com certeza era maior do que a arca de *Noé*.

Tendo a seu cargo, todos os annos, o segurar o S. Jorge na procissão do «Corpus christi» fazia n'isso immensa gala e apresentava-se impavido aos olhos de toda a gente que via lá do alto da sua magnanimidade. Chegava a levar a sua auctoridade ao ponto de dizer ao commandante da força quando se deviam dar as descargas!

Homem robusto, que n'uma voz grossa, mascando o seu charuto, mettia palão de meia noite, depois de ter desempenhado o glorioso papel de *lente da faculdade das tretas* pelo *Centenario da Sebenta*, jámais largou a chapa que então mandára fazer para ornamentar o bonet.

Dias depois da sua morte, lembro-me de ter visto o seu perfil n'*O Cauterio*, que dizia pouco mais ou menos isto:

*De Lusa-Athenas o mais popular,*
*E tambem de certo, o mais intrujão,*
*Na bocca sempre um charuto a chupar,*
*Olhando todos com ar refilão.*

*Varios empregos tem, duvidosos,*
*O nosso heroe, este velho traquinas;*
*E se non hay — negocios rendosos*
*O... coça d'encontro ás esquinas;*

*E' alto bastante, obeso e pançudo*
*E só tem esse defeito massudo*
*De pregar, mentiras, blagues e petas;*

*Que mais direi? é um pobre coitado*
*E elle proprio se chama e é chamado,*
*O Rolié ou o França das Tretas.*

Acima de tudo, o França era um homem fiel, muito honrado e não foram poucas as carteiras e os valores importantes que elle encontrou perdidos e fez chegar ás mãos dos seus donos. Ouvi dizer que esta palavra de *Rolié* que adoptava como nome, teve a sua origem á porta do *Hotel dos caminhos de ferro* quando um francez, ao subir para a sua carruagem, poz nas mãos do corretôr umas moedas de prata para o França, que lhe tinha tratado da bagagem, com o *roulier* (carroceiro).

O Quatorze

Apanhada esta palavra no ar, eil-a na bocca dos garotos para designar o França e d'ahi a resolução que tomou em a adoptar como sobrenome...

Disse eu ha pouco que o França era um homem honrado, mas já não direi o mesmo do celebre intrujão que dava pelo nome de *Quatorze*.

Muito alto, magro, ora apparecia de chapéu de abas largas e de grosso bengalão, ora de carapuça, de faxa preta á cinta, de calças justas e esguias, a fazer-se amigo intimo e conhecido velho de quantos bachareis formados presentia de visita a Coimbra, sempre importuno, á mira d'uns vintens, capaz de, por dez reis de mel coado, prestar-se a qualquer patifaria. Outras vezes apresentava-se carregando um cesto repleto de ananazes, cô-

cos e bananas, que vendia, lançando o pregão em voz forte e retumbante: *ananaz! ananaz! côco! côco! Ah, rica banana da ilha da Madêra!...*

O *Homem dos Christos* passeava todas as ruas e beccos da cidade sobraçando uma enorme quantidade de *Christos,* trabalhados em barro, muito toscos, mas que conseguia vender

O Vendedor dos Christos

depois de os ter lambido todos, de alto a baixo, para provar que não largavam a tinta, que eram *fixes,* como elle dizia.

E quantas e quantas vezes nos atirava com o Christo quasi á cara e bradava n'um mixto de raiva e de troça: *quem me compra este diabo?!*

*Maximiano Veiga,* irmão do grande poeta operario Adelino Veiga, era um impagavel ratão que se dedicava a compôr guarda-soes e a trabalhar em metal amarello.

O poeta Maximiano Veiga

Nunca lhe deu na bôlha para fazer versos, troçava até do irmão nas suas horas de bom humor. Mas uma vez, como o Adelino Veiga não dispuzesse de occasião para escrever uma poesia que lhe tinha sido pedida pelo actor Antonio Portugal, mais tarde o tenor Portugal, que fez parte da companhia do theatro da Trindade e foi morrer no Pará, o Maximiano quiz supprir a falta e sahiu-se todo ancho com esta versalhada que ainda hoje corre de bocca em bocca:

*Do rio Zezere o Barão*
*É cunhado da liberdade;*
*Os soldados são phenomenos,*
*São filhos da santidade.*

*Vou cantar de Mahomerio,*
*Qu'as trombas do rhinoceronte*

*Cantigas do Oriente*
*Nas barbas do despauterio,*
*Nas campas do cemiterio,*
*Norbargue de Norbão*
*Terronicos do trovão*
*Familicos da humanidade*
*É um machucho da maldade*
*Do rio Zezere o Barão.*

. . . . . .
. . . . . .

?!...

Agora mesmo acabo eu de ler que morreu o *Pedro do pifano*, suppondo-se que envenenado pela mulher com quem vivia. Era gallego e mudava de nome á medida que as gerações academicas lh'o trocavam. Para uns foi o *Manoel da Sanfona,* quando apanhou um par de bofefadas do lente dr. Pedro Penedo, por se lhe pôr á porta cantando versos allusivos á sua pessoa, feitos expressamente pelos discipulos. Para outros foi o *homem do realejo,* por trazer um instrumento, que ha annos deixou n'uma tasca de Lameiras empenhado por meio litro de vinho...

O Pedro do Pifano

Agora era o *Pedro do Pifano*, por se fazer

acompanhar d'esse instrumento que tocava por qualquer preço.

Como tivesse um grande reportorio, o Pedro perfilava-se e perguntava com uma certa pose:

— O que quer Vossa Senhoria que eu toque?!

O Manuel das Barbas

O *Hymno dos Caloiros*... diziam-lhe, por ser uma coisa que não existe...

*O hymno dos caloiros... dos caloiros... dos caloiros*... começava elle entoando n'uma voz cantarolada que vinha a terminar com meia duzia de sons arrancados desalmadamente do pifano e prompto... eis como executava todas as musicas que lhe pediam...

Era um pobre diabo este Manuel Fortunato Lopes, usando do seu verdadeiro nome.

E julgo terminada assim a vasta galeria dos mortos.

Se entre elles nos apparecem typos interessantes, entre os vivos, que apontarei a largos traços, não os ha, decerto, menos curiosos e menos dignos de estudo...

É ver o velho lithographo de sebentas, o conhecido *Manuel das Barbas,* que figurou no *Centenario da Sebenta,* e a quem com uma louvavel antecedencia fizeram já o epithaphio:

*Aqui jáz Manoel das Barbas,*
*Trabalhou muito e bebeu...*
*Lithographava «sebentas»,*
*Mas foi feliz... nunca as leu...*

E a *Marrafa,* a Maria, essa bella quarentona, bem fornidinha de carnes, que tambem foi lembrada no alludido *Centenario?*

Isso é que é uma mulher!

Servente de estudantes, portadora de *sebentas,* lá no intimo amiga dos que usam capa e batina, interessa-se por elles todos e já me constou, não sei se com fundamento, que não raras vezes lhes vale com dinheiro nos momentos criticos, nas suas afflicções.

De grossos cordões de ouro ao pescoço, sempre sorridente, ha quem diga que para um estudante se formar é preciso ter algumas relações com ella. Eu é que não sei se isto é verdade, mas, pelo sim pelo não, como fui estudante... não desmenti a regra...

Mas se por acaso alguns academicos se envergonham de ir pedir-lhe qualquer quantia emprestada, pelo que ella nada leva de juros,

apparece-lhes logo o *Herminio dos oculos,* um rapaz franzino, magistral troca-tintas, que passa a vida inteira a transportar para as casas de penhor ou *de prégo,* usando do calão, tudo quanto os estudantes lhe entregavam para empenhar... ou a trazer d'essas casas para a rua *grandes pechinchas*, como elle diz, para intrujar os papalvos, e que afinal não passam de fazenda avariada, d'uns *mônos* sem extracção que os penhoristas lá teem para um canto e dos quaes se querem ver livres seja por que preço fôr.

O Herminio

O Gaspar engraxador

Quer na Baixa quer na Alta, de dia ou de noite, a cada passo se encontra uma creatura d'estas.

O agarotado Gaspar, engraxador, hoje em busca d'uma casa para servir, fallador dos quintos, que aperaltava ao domingo para embarrilar certa incauta donzella que o foi surprenhender um dia, em plena calçada, a engraxar as botas d'um freguez. . .

O Santos Cego

O José Maria Mudo

O Santos *cégo,* vendedor de cautellas, engeitado, que concluiu o curso dos Lyceus em 1868, segundo elle diz, á custa d'uma familia amiga e cegou n'esse mesmo anno.

Conhece todas as moedas apalpando-as, bem como os caloiros, pelo panno da capa, e fala de mathematica como se estivesse sentado n'uma cathedra. . .

O José Maria, *mudo,* moço de lithographia

e typographia, intelligente, serviçal em extremo, que, ao sentir falta de dinheiro, ou para dar as boas festas, é capaz de fazer o seu verso de pé quebrado, illustrando-o por seu punho.

Um trabalho original do José Maria Mudo

O *Bentinho sapateiro,* figura caricata e sobremaneira interessante, que se dá ao luxo de vestir á ingleza, indo todos os domingos a certa mercearia buscar um charuto de vintem, dadiva d'um seu amigo velho que andou a estudar em Coimbra e já se formou.

O *Bamba,* bebedor emerito, devasso inexcedivel, que uma vez arvorou em Rousseau e fez as suas confissões.

Conta-se d'elle um caso que não deixa de ter espirito.

O *Bamba* queria baptisar um filho e queria que o Dom Thomaz de Noronha fosse seu compadre.

Para isso foi esperal-o n'uma tarde aos Arcos do Jardim, expoz-lhe a sua pretenção e conseguiu, dentro em breve, vêr realisado o seu maior, o seu constante *desiderátum*.

Restava, porém, escolher o nome que se devia dar ao petiz e Dom Thomaz perguntou-lhe qual

O Bentinho Sapateiro

era o nome de que elle mais gostaria para seu filho. Resposta do *Bamba*: — *o compadre não é padrinho do rapaz?*

— *Sou...*

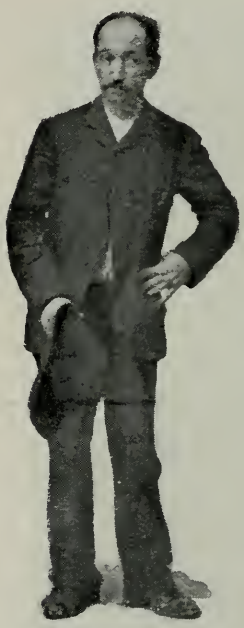
— *Não se chama Dom Thomaz?*

— *Chamo...*

— *Pois meu filho deve chamar-se Dom Thomaz!...*

E, apóz uma sonora gargalhada do padrinho, o petiz ficou sendo, na verdade, o *Dom Thomaz*...

O *Barnabé*, que parece ter o dom da ubiquidade, esse pobre diabo que apparece em toda a parte quasi ao mesmo tempo.



O Bamba

O Barnabé

Ha um fogo? Lá vae o *Barnabé* avisar os bombeiros antes que os sinos deem signal.

Ha uma desordem? Lá vae o *Barnabé* avisar a policia, porque ella só apparece quando é avisada...

Ha necessidade de qualquer recado? Eis que surge o *Barnabé*.

Ha um baptisado, um enterro, um casamento quasi em segredo?

Não importa. Mesmo assim lá apparece o

*Barnabé!* Com certeza o *Barnabé* deve lá estar!

E quando elle se perfila a uma esquina fazendo continencia, de chapeu na mão, ao passar alguem conhecido que interpella sempre d'esta fórma: *faz favor de me deitar a sua benção? Então a minha mesada?* — é certo que apanha dez réis.

E o *Luizinho das pontas?*

Outro typo curioso que acaba de morrer e que por signal não morreu a tempo de ser incluido na galeria dos mortos...

Não precisava de pedir porque a familia tem alguma coisa e não queria que elle pedisse, mas de tal fórma se acustumou a andar pelas ruas, apanhando pontas de cigarro, que d'ahi lhe veio o habito de pedir uns dez réis a este e áquelle com quem fallava.

O Luizinho dandy

De vez em quando apparecia com papeletas para o publico subscrever com qualquer quantia *para a ajuda d'um varino,* d'um collete ou d'umas calças.

D'elle conheço eu varias partidas, mas a que vou contar, francamente, é muito superior a todas ellas.

Assistia-se ao sarau que uma commissão de academicos realisou no theatro-circo n'essa epoca em que appareceu a ideia da recepção dos novatos com festas.

Representava-se, n'esse momento, uma peça qualquer, feita por um dos vogaes da commissão, na qual se simulava um tribunal.

O Luizinho das pontas surprehendido
na alameda Camões a escolher as pontas de cigarro

Ora o publico e as testemunhas que se nos apresentavam no palco eram a malta, a crápula das ruas, esses typos sebentos e grotescos, ao vivo, e o *Luizinho* que tambem lá estava, farto, como a plateia, de ouvir o pseudo advogado a fallar, a fallar, a fallar, levanta-se como um

raio, perfila-se e exclama com uma cara das mais *curiosas* d'este mundo, n'aquella sua voz meio fanhosa e entrecortada: *Arre! que châtice mi-dônha!*

Eu não sei como o theatro não cahiu com a gargalhada, forte, retumbante que se ouviu então!

E' que o *Luizinho* n'aquella sua phrase, vinda a proposito, tinha conseguido concretisar a opinião de toda a plateia!...

O Luizinho á verão

E o mais engraçado foi que o *Beb'agua* quiz atirar-se á pancada ao *Luizinho!*

Que quadro! Que scena!

O *Beb'agua,* que por signal bebe vinho e ás vezes o despeja pelas ruas, é um distribuidor de prospectos, um magnifico exemplar de transição entre o homem e o macaco, sebento, mal alinhavado, todo elle a transpirar sabujice e que, por um defeito qualquer, falla sómente por monosylabos.

Ahi vae uma phrase para amostra e que elle diz sempre que vê um petiz fumar: *ai tu já fú? Ló di tê pae!...*

Ainda assim, de todos os *typos* que conheço era o *Luizinho das pontas,* que dava menos sorte...

O Beb'agua

E se entrarmos na Universidade, sagrado templo da sabedoria, onde em vez de nos formarmos apenas nos conseguimos deformar . . . lá vos farei o retrato de certo archeiro, boa pessoa, que dava sorte por lhe chamarem *Estópido* desde aquelle dia em que se dignou dizer que o archeiro estava *dois furos acima de estudante e um abaixo de lente!* o que equivale a dizer, n'esse meio repleto de prosapia scientifica, que estava milhões de leguas acima da terra e apenas um palmo abaixo do céu! . . .

Outro archeiro conheço eu, boa pessoa tambem (os archeiros são sempre boas pessoas...) que todo se abespinha quando lhe chamam *S. Pedro* alludindo ás barbas brancas que possue. Na verdade elle parece-se muito mais com um Cerbéro do que com

Um archeiro que está dois furos acima de estudante e um abaixo de lente . . .

o meu grande amigo S. Pedro, chaveiro lá de cima, pois que este velho santo vive ás portas do céu, que dizem ser o Paraizo, e o outro, o archeiro, pespega-se á porta das aulas, que são um verdadeiro inferno!

E para encerrar a galeria que apresentei sob um aspecto de notas a lapis na carteira de um curioso, resta fallar do *Nórrim* e do *Almirante Rato*.

O Nórrim

O *Nórrim* é um curioso typo de velho, por demais conhecido em Coimbra, uma primorosa cabeça de estudo perdida no enxurro das ruas, quando toda a gente sabe, que, sendo um sapateiro aliás bastante habilidoso, jámais precisaria de pedir.

No emtanto acha um prazer infinito em dividir o seu tempo entre as tabernas, onde bebe demasiadamente, e as ruas ou cafés onde lamenta a sua sorte, apertando o chapéu de feltro contra o peito e rindo ou chorando ao gosto de quem lhe paga.

Para elle o riso e o pranto não traduzem a alegria e a tristeza, são apenas, simples e unicamente, a manifestação do interesse ao serviço de sua magestade o dinheiro . . .

O *Rato* é o celeberrimo *almirante do Centenario da Sebenta* e dos festejos do Enterro do Grau, o barqueiro que, em tardes amenas, anda por perto da ponte de Santa Clara á espreita dos estudantes para lhes dizer n'uma voz

meliflua de velhote amigo: — *Vá, senhores Doutores um passeiosinho até á Lapa!*

E tantas coisas lhes diz que lá os leva quasi sempre, de barco, até á *Lapa dos Esteios,* que é um dos pontos mais pittorescos de Coimbra, não fallando no *Choupal* ou na velha *Fonte do Castanheiro,* onde se ouve ainda um certo rumor dos beijos que os namorados de outros tempos ahi trocavam nas luminosas e tradicionaes manhãs de S. João...

O Almirante Rato

Eis assim delineada, em poucos traços, a serie funambulesca de typos grotescamente raros que constituem só por si um dos aspectos mais originaes da lendaria Coimbra cheia de amores e de mysterios, eterna evocadora das notas maviosas d'aquelle fado triste, cantado pelo Hylario, em noites de bohemia, sob as janellas das tricaninhas de risos de oiro em flôr!...

LIBRARY
JUN
21
1979
UNIVERSITY OF TORONTO

LIVRARIA EDITORA GUIMARÃES & C.ª
68, Rua de S. Roque, 70 — LISBOA

Dr. Binet-Sanglé

A LOUCURA DE JESUS

HEREDITARIEDADE,
CONSTITUIÇÃO E PHYSIOLOGIA

«Dar-se-á o caso que a hu
manidade ha vinte seculos es
teja adorando um doido?»

O MAIOR SUCCESSO DA LIVRARIA FRANCESA
NOS ULTIMOS TEMPOS

1 vol. de 270 paginas impresso em magnifico pa
pel . . . . . 700 réi

Bernardim Ribeiro

TROVAS DE CRISFAL

Carta, Écloga de Crisfal, Sextinas, Esparsas e Cantiga

EDIÇÃO REVISTA POR DELFIM GUIMARÃES

(1.º volume da Biblioteca Clássica Popular) 1 vo
broch . . . . . 300 réi

Delfim Guimarães

BERNARDIM RIBEIRO

(O poeta Crisfal)

Subsídios para a historia da literatura portuguêsa
1 vol. broch. . . . . 800 réi

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCI

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRA

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 25 04 017 9